



**KERSHAW, Ian – *Hitler – Um Perfil do Poder*. 2.ª ed. Mem-Martins: Inquérito, 2008**

Como refere Eric Hobsbawm, “sem o triunfo de Hitler na Alemanha no início de 1933, o fascismo não se teria tornado um movimento geral [...] Mais ainda, sem o triunfo de Hitler na Alemanha, a ideia de fascismo como um movimento universal, uma espécie de equivalente da direita do comunismo internacional tendo Berlim como a sua Moscovo, não se teria desenvolvido” (Hobsbawm, 2002: 122). A partir desta

citação de *A Era dos Extremos* e, como fundamenta o autor recenseado, “esta não é uma biografia de Hitler. Certamente há margem para um novo estudo biográfico em ampla escala [...] estou interessado, franca e exclusivamente, na natureza, no mecanismo, no carácter e no exercício do poder ditatorial de Hitler” (Kershaw, 2008: 9). Esta citação resume a essência da obra *Hitler – Um Perfil do Poder*, destinada então a compreender como se processou a construção do *III Reich*.

Seguindo esta linha de pensamento, é importante termos em linha de consideração que sem este indivíduo “difícilmente se habrían unido en un partido los grupos racistas pangermanos” (Ávila, 2011: 68). Contudo, é igualmente importante uma análise ao período que decorre até 1933 para se compreender algumas das dimensões na análise ao fenómeno hitleriano que “a vida infantil de Adolf Hitler não forneceu um único indício do personagem que iria levar o mundo a perder a respiração. Pelo contrário, parecia apontar para um futuro de insignificância e mediocridade” (Kershaw, 2008: 17).

Neste sentido, estava desligado das grandes lógicas do poder, tendo em consideração a colocação do seu agregado familiar no tecido sociopolítico austríaco – era filho de Alois e de Klara Poelzl (Ávila, 2011: 68); para além disso, e partindo para uma análise fisiológica, “Hitler era inexpressivo” (Kershaw, 2008: 31), agravando-se esta premissa com o decorrer da II Guerra Mundial, especialmente na fase final, onde as suas consequências são descritas pelo autor recenseado: “uma vida insalubre de tensão constante, insónias, alimentação precária, falta de exercício e total ausência de lazer,

produziu uma inevitável e clara aceleração do processo de envelhecimento” (Kershaw, 2008: 169). Também numa perspectiva da análise psíquica, tendo em consideração o ano de 1914 (altura em que cumpre o serviço militar na Baviera), era igualmente um sujeito isolado e pouco dado ao contacto com outros elementos; é mesmo definido como sendo “um pária social na capital do império austro-húngaro” (Kershaw, 2008: 17), acrescentando ainda que “visto em termos puramente pessoais, desligado da sua filosofia política, Hitler era realmente uma mediocridade” (Kershaw, 2008: 32).

No que diz respeito à sua formação política, tanto o autor em análise, como Héctor Ávila são comuns em afirmar que a estadia em Viena foi um momento fundamental para compreender todo o porquê do pensamento hitleriano, ao ponto de o primeiro ser categórico ao afirmar que “mas as sementes foram plantadas em Viena” (Kershaw, 2008: 35), nomeadamente por influência de figuras como Georg von Schönerer e Karl Lueger; aqui, encontramos já enunciadas as ideias ligadas à criação de um *Lebensraum* através da anexação de possessões russas, a crítica à sociedade burguesa com base na recusa da social-democracia e, por outro lado, o desenvolvimento de um pensamento ligado à adopção do darwinismo social, com base na “história como uma luta entre as diferentes raças, cabendo a vitória à mais forte, mais apta e mais impiedosa” (Kershaw, 2008: 35 e 36), a visão dualista do mundo e, sobretudo, o anti-semitismo e o antimarxismo. No que diz respeito ao traço anti-semítico de Hitler, este surge como uma experiência traumática, mas pode igualmente estar associado com a influência judaica no campo das finanças.

Para além da referência à obra *Mein Kampf (A Minha Luta)*, os ideais defendidos por Adolf Hitler estão presentes na leitura de um discurso proferido em 1933: “a melhor maneira de expor estas mentiras é o sucesso. Se, durante estes cinco anos, tivéssemos agido como os cosmopolitas e democráticos cidadãos da Rússia Soviética, ou seja, como os da raça judaica, não teríamos conseguido transformar a Alemanha, que se encontrava em profundo colapso material, num país de grandeza material [...] Peço agora a Deus que, nos anos que aí vêm, abençoe o nosso trabalho, as nossas acções, a nossa providência, a nossa determinação; que o Todo-poderoso nos proteja da arrogância e da subserviência cobarde; que nos ajude a encontrar o caminho certo que traçou para o povo alemão e que nos dê sempre a coragem para fazer o que está correcto e não esmorecer ou fraquejar perante nenhum perigo ou poder” (Mata e Robalo, 2010: 79 e 86).

No âmbito da sua participação política, esta ocorre entre 1914 e 1919 (período conturbado da história austríaca), onde é leitor de vários textos de direita radical e onde frequenta cursos e outras formas de cultura, em ambiente letrado, onde “passou a ser notado pelas suas opiniões apaixonadas e dogmáticas” (Kershaw, 2008: 36); é também em 1919 que toma contacto com o Partido dos Trabalhadores Alemães, ainda que no ambiente das cervejarias da cidade de Munique, e onde está patente, como foi salientado, a sua capacidade de oratória, tendo em consideração o conceito *weberiano*

de “autoridade carismática”, onde, como refere o autor em estudo, ainda que num outro estudo, “which irrational hopes and expectations of salvation are projected onto an individual, who is thereby invested with heroic qualities” (Kershaw, 2004: 245).

Para a análise à caminhada para o poder de Hitler, importa ter em linha de conta uma citação que sintetiza, de forma magistral, toda esta problemática: “a sua ascensão ficou a dever-se à extensão em que ele foi capaz de persuadir diferentes sectores da população da Alemanha de que ele queria o mesmo que eles queriam, e à falta de qualquer tradição alternativa profundamente enraizada ou de qualquer reduto constitucional poderosamente defendido” (Joll, 1995: 490). Esta ideia é reforçada pelo autor em análise: “na elevação de Hitler ao poder, os acontecimentos fortuitos e os erros de avaliação dos conservadores desempenharam um papel maior do que qualquer acto do próprio líder nazi” (Kershaw, 2008: 52).

No que diz respeito à caminhada de Adolf Hitler para o poder, esta culmina a 30 de Janeiro de 1933, altura em que é nomeado para ocupar a chancelaria alemã e podemos falar, seguindo o parecer do autor em análise, num “triumfo da vontade” (Kershaw, 2008: 52). De facto, até à data, o movimento nacional-socialista está perfeitamente demonstrado pelo autor em análise como sendo algo pouco viável e condenado ao fracasso, como é entendido através desta citação: “a história do Partido Nazi [...] mostra claramente que ele foi um movimento sumamente instável, que abarcava facções e interesses extremamente diversificados, com fortes tendências centrífugas e desintegradoras” (Kershaw, 2008: 53).

Assim sendo, e seguindo uma breve cronologia da caminhada para o poder, é possível constatar a existência de momentos chave: Janeiro de 1932 – Hitler ganha influência junto de elementos fundamentais do sector industrial alemão (Schacht e Wilhelm Keppler); Julho de 1932 – deposição de um governo na Prússia; Novembro de 32 – petição para a colocação de Hitler no poder; 30 de Janeiro de 1933 – Hitler na chancelaria do *Reich*; fica aqui também o erro, por parte das elites: “o pressuposto era que Hitler serviria os seus interesses por algum tempo. A ideia de que ele pudesse ser capaz de fazer mais do que lhes prestar um serviço foi algo que elas não consideraram” (Kershaw, 2008: 73). Deste modo, para se compreender “el ascenso al poder de un perdedor” (Meseguer, 2011: 12), é fundamental ter em consideração, como já foi demonstrado, a importância das elites para a definição do poder, especialmente figuras como o general Ludendorff, Lüdeck e Putzi Hanfstaengle.

Por outro lado, a análise ao carácter fortuito do Nazismo obriga à sua contextualização internacional, especialmente tendo em consideração a história norte-americana e europeia do pós-guerra, em concreto o final da década de 20. Segundo o autor em estudo, “sem a eclosão da crise económica mundial a partir de 1929, poderia ter continuado assim” (Kershaw, 2008: 59). De facto, nestes primeiros momentos da ascensão de Hitler, a economia alemã encontrava-se em recuperação: estabilidade

monetária; estabilidade cultural, definido como os “anos dourados” da cultura de Weimar corriam a pleno vapor, o cenário político estava mais estável do que em qualquer outra ocasião desde 1918, e a extrema radical estava reduzida a um resto minúsculo de apoio eleitoral” (Kershaw, 2008: 59). Assim sendo, Héctor Ávila fundamenta a existência de três premissas que foram fundamentais para a definição do movimento *nazi*: o impacto da crise económica nos vários sectores da economia alemã; a radicalização das forças políticas (tendo em conta a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial e a humilhação do *diktat* de Versalhes) e a crença em Hitler como uma personalidade maleável (Ávila, 2011: 8 e 9).

Já na cadeira do poder, e como fundamenta o autor em análise, “this destructive capacity, through present from the outset, developed over time and in phases” [Kershaw, 2004: 244] dirigindo-se a determinados sectores da sociedade alemã, mas com especial incidência para os indivíduos judaicos, como é o caso dos ciganos, homossexuais e mendigos; por outro lado, verifica-se também a secundarização e a subalternização das instituições ligadas aos sectores do operariado e à vida pluripartidária (DDP e DVP); por outro lado, encontramos toda uma construção legalista em torno da figura de Hitler, como é o caso do Artigo 48 da Constituição de Weimar e o “Decreto do Incêndio do Reichstag” (estado de emergência). Por último, o grande exemplo da construção do poder hitleriano passa pela compreensão do Julho de 1934 (o massacre da noite das facas longas, onde são eliminadas as lideranças da SA). Esta prática repressiva é feita, integrada em determinados contextos: “o alto grau de repressão dos antigos oponentes políticos é uma característica normal dos regimes autoritários na fase da “tomada” do poder” (Kershaw, 2008: 88).

Para além do aparato repressivo, a ascensão de Hitler pode ser analisada tendo em consideração a capacidade em esgrimir acordos com determinadas forças políticas, como é o caso das elites económicas, mas também com a própria organização eclesiástica. Assim sendo, “em Setembro de 1933 Hitler assinou uma Concordata com o Vaticano pela qual a Igreja abandonava as suas organizações políticas, sociais e profissionais, conservando, no entanto, o direito de reger as suas escolas e publicar cartas pastorais” (Joll, 1995: 504). Por outro lado, importa compreender a influência de Goebbels como elemento fundamental para a solidificação do poder do *Reich*: é neste contexto que temos a criação, a 13 de Março de 1933, do Ministério de Esclarecimento Popular e Propaganda. A ideia em torno desta instituição de inculcação ideológica era a de que “o Führer sempre faria o que era certo para o seu povo, e a obediência irreflectida decorrente dessa confiança” (Kershaw, 2008: 107) – expansão da Juventude Hitleriana; adesão em “massa” no NSDAP; para esta dinâmica contribuíram alguns desenvolvimentos no campo das infra-estruturas/transportes e das telecomunicações.

Por outro lado, e integrando Hitler no contexto europeu, “a invasão da Áustria foi a primeira manobra de Hitler fora do território germânico em desafio aos acordos de paz

de 1919” (Joll, 1995: 542). Este momento tem impacto ao nível das relações diplomáticas europeias, especialmente em torno da França e da Inglaterra, em que ambas “ainda esperavam que fosse possível vencer a astúcia de Hitler por meios diplomáticos, forçá-lo a mostrar o seu jogo e levá-lo a dar ouvidos à razão” (Joll, 1995: 544). É nesta lógica que encontramos a figura de Chamberlain que, “levando consigo o guarda-chuva, que para muitos observadores simbolizava a pacífica sociedade burguesa” (Joll, 1995: 545). O exemplo do falhanço diplomático do pós-guerra tem como ponto alto a invasão da Checoslováquia e culmina com a anexação da Polónia: 1 de Setembro de 1939 (tem início a II Guerra Mundial). O autor em estudo traça, de forma rápida, os desenvolvimentos da guerra, mas culmina no final do capítulo 6 com uma citação que sintetiza a participação alemã: “A derrota de Estalinegrado simbolizou, não apenas retrospectivamente, o começo do fim do império de Hitler” (Kershaw, 2008: 165).

Por fim, Ian Kershaw dedica um último capítulo, intitulado “A Arrogância do Poder”, onde faz um balanço de algumas das temáticas enunciadas, tanto no princípio da recensão, como no princípio de *Hitler – Um perfil do Poder*. Deste modo, o autor faz referências interessantes ao estado da saúde do Führer e ao modo como esta se foi debilitando ao longo da II Guerra Mundial; para além disso, a referência de que “nos últimos dois anos do Terceiro Reich, a fragmentação e a desintegração progressivas do governo chegaram ao seu apogeu” (Kershaw, 2008: 172) vem salientar a importância da estrutura administrativa, ou melhor, a importância do entender político de Adolf Hitler, para algumas das actuações, tendo em consideração a expressão “pelo e para o Führer”: “o poder de Hitler continuou intacto, em primeiro lugar, devido à própria falta de um sistema governamental no regime nazi. Hitler [...] fora extremamente atento a qualquer restrição imaginável dos seus poderes, não se dispondo a ser cerceado por nenhuma estrutura formal ou norma constitucional e não se interessando pela preservação dos canais de controlo claros” (Kershaw, 2008: 183).

Por outro lado, o envolvimento da Alemanha no conflito é igualmente uma das causas que determinou o fim do *III Reich*, especialmente se tivermos em consideração uma frase curiosíssima de Héctor Ávila e que refere que “el Estado nazi era una bicicleta que funcionaba si su conductor podia pedelear sin obstáculos: para suponía caer” (Ávila, 2011: 11). E, de facto, esta referência é clara, tendo em conta a visão dogmática do Führer: estávamos perante um indivíduo que funcionava em termos de extremos. Hitler suicida-se a 30 de Abril de 1945.

A conclusão da obra tem sete páginas, onde o autor exemplifica os efeitos do nazismo para a Alemanha. Contudo, penso que isso pode ser sintetizado numa simples frase e que é, só por si, ilustrativa dessa presença: “A marca característica do poder de Hitler foi a destruição. A sua “carreira” política iniciou-se pela destruição da Alemanha, com que até então se tinha identificado, “destruída”, na sua mente, pela revolução

“marxista” de 1919. E terminou na destruição muito mais ampla da “sua” Alemanha, através da sua ordem política” (Kershaw, 2008: 191).

Ian Kershaw dedica ainda, no *Apêndice* da obra, um espaço destinado à reflexão em torno dos estudos sobre a figura de Adolf Hitler e do modo como este se integra no contexto alemão e internacional. Para além disso, é interessante a referência, por parte do autor, a Paul e Peter Matussek, e a Jan Marbach (psiquiatra; historiador; sociólogo: por ordem), e que estão ligados aos estudos que definem que “Hitler seria um “caso patológico”, um tipo de esquizofrénico que, ao projectar exteriormente os seus sentimentos íntimos, encontrou uma sociedade pronta para recebê-los de braços abertos” (Kershaw, 2008: 202].

Filipe de Almeida Soares

## BIBLIOGRAFIA

### Documentos

MATA, Miguel; ROBALO, Manuel (selec. e apresentação) – *50 Grandes Discursos da História*. 1.ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2010.

### Obra base

KERSHAW, Ian – *Hitler – Um Perfil do Poder*. 2.ª ed. Mem-Martins: Inquérito, 2008.

### Outros estudos/artigos

ÁVILA, Héctor – Adolf Hitler – Ascenso y Caída de un Marginal. *Clio Especial – III Reich: El imperio de los 12 años*. 2011.

ÁVILA, Héctor – Así fue el Nazismo – Auge y caída del Reich de los mil años. *Clio Especial – III Reich: El imperio de los 12 años*. 2011.

HOBSBAWM, Eric – *A Era dos Extremos (1914 – 1991)*. 3.ª ed. Queluz: Editorial Presença, 2002.

JOLL, James – *A Europa desde 1870*. 2.ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

MESEGUER, Enrique – El ascenso al poder de un perdedor. *Clio Especial – III Reich: El Imperio de los 12 años*. 2011.

KERSHAW, Ian – Hitler and the Uniqueness of Nazism. *Journal of Contemporary History*. Vol. 39, n.º 2 (2004).